

FHC descarta "mudanças rápidas"

PRESIDENTE ELEITO LANÇA NO SEMINÁRIO DO ITAMARATY O "ACORDO DE BRASÍLIA", SEU PROGRAMA DE METAS.

O presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, anunciou que não fará mudanças rápidas em seu governo e quer ser cobrado no final do mandato, daqui a quatro anos, pelos compromissos assumidos: garantir a estabilidade da economia e o crescimento com distribuição de renda. Bem-humorado, ao final de quase 15 horas de debates no seminário "Brasil e as tendências econômicas e políticas contemporâneas", Fernando Henrique lançou as metas do "Acordo de Brasília" com os 64 intelectuais presentes. "As expectativas de mudança rápida serão submetidas a um cálculo estratégico. Não é preciso fazer tudo de uma só vez", afirmou. "Ninguém espera por um milagre, mas por um sinal claro de que seguimos um rumo, com convicção."

Fernando Henrique defendeu a utilização do programa de privatização para o governo "fazer caixa". A ideia foi criticada por vários expositores estrangeiros que participaram do seminário, que aconteceu no Itamaraty, sexta-feira e sábado. "Em princípio, sou contrário a usar a privatização para fazer caixa, mas em 1995 isso será uma necessidade", disse Fernando Henrique. Ele afirmou que não permitirá, no entanto, a "evaporação" do patrimônio público. "No ano que vem, vamos privatizar pouco", disse. Segundo ele, a meta de obter em 1995 uma receita de R\$ 4,5 bilhões com a venda de estatais é modesta, comparada, por exemplo, ao patrimônio do setor elétrico, estimado por ele em mais de R\$ 80 bilhões. "No Chile e na

Argentina, a privatização foi usada para atingir o equilíbrio fiscal. Nós faremos mais do que isso", prometeu. Fernando Henrique recebeu recomendações expressas do argentino Roberto Frenkel, um dos pais do Plano Austral, do ex-ministro da Fazenda do Chile, Alejandro Foxley, e do decano da Universidade de Berkeley, Albert Fishlow, para evitar a venda de empresas estatais para fazer caixa para o governo.

No discurso de encerramento do seminário, o presidente eleito disse que dá apoio integral à necessidade de promover o crescimento econômico, com cuidados especiais às políticas sociais - um consenso no encontro.

"Não há desculpas para fazer grandes erros, sabemos quais são as opções e os riscos", afirmou.

Como parte do "Acordo de Brasília", Fernando Henrique expôs aos intelectuais os limites que enfrentará no cargo. "Estou impregnado da paixão pelo possível", garantiu, deixando claro que tem uma longa negociação pela frente. "Aquele que foi ungido pelo voto popular e achar que isto basta, acabou", disse. "Durante os quatro anos, estaremos levando adiante as transformações." O presidente eleito justificou as alianças políticas que fez nas eleições falando sobre a distância entre a teoria dos intelectuais e a prática dos governantes. "Quem quiser se resguardar em valores absolutos, vá para a cátedra, o púlpito, não vá para a política", afirmou.

Marta Salomon/AE

Fernando Henrique diz que terá de privatizar "para fazer caixa"